

O SENTIDO-QUE-FAZ-SENTIDO: UMA PESQUISA FENOMENOLÓGICA NO PROCESSO TERAPÊUTICO

Mauro Martins AmatuZZi*
Universidade de São Paulo
Gisela M. B. Solymos
Cristiane Ando
Claudia B. S. BruscaGin
Claudia Costabile

RESUMO - Este texto conta uma pesquisa empírica em psicologia fenomenológica sobre o sentido-que-faz-sentido no contexto da discussão de uma sessão terapêutica. Os sujeitos foram cinco terapeutas que discutiam sessões conduzidas por eles. Nesse processo foi possível explicitar a que perguntas eles estavam de fato respondendo quando falavam da sessão de forma significativa. A partir dessas perguntas levantam-se características estruturais da experiência do sentido nesse contexto. Uma delas é que esse sentido nunca pode ser apreendido apenas como um objeto, mas é preciso que o próprio ato de apreendê-lo ou expressá-lo seja significativo. Isto quer dizer que o sentido que interessa é sempre presente, envolvendo o terapeuta em sua apreensão, no momento mesmo em que ele o expressa.

Palavras-chave: psicologia fenomenológica, significado terapêutico, processo terapêutico.

THE MEANING-THAT-HAS A MEANING: A PHENOMENOLOGICAL RESEARCH OF THE THERAPEUTIC PROCESS

ABSTRACT - This article discusses an empiric research based on the phenomenological psychology; it is about the "meaning that has a meaning", in the context of the discussion of a therapeutic session. The subjects were five psychology therapists considering psychological sessions conducted by themselves. In this process it was possible to explicit which questions they were in fact answering when telling their sessions in a significant way. From these questions they brought up structured characteristics of the experience of the meaning in this context. One of them is that this meaning can never be apprehended as only an object but what is needed is that the act itself, of apprehension or expression, has to be significant too. By this understanding that the meaning which was of interest to them was always present involving the therapist in his apprehension.

Key words: phenomenological psychology, therapeutic meaning, therapeutic process.

* Endereço: Instituto de Psicologia da USP, Av. Prof. Mello Moraes, 1721, 05508, Butantã, São Paulo, SP.

Este relato de pesquisa se apresenta aqui de forma bem pouco convencional. A complexidade do assunto, fronteira com a filosofia, e a proposta metodológica de certa forma nova (Reason & Rowan, 1987) como pista para o estudo de processos terapêuticos, nos obrigou a fazer apertes críticos durante o relato. Como acreditamos na importância do tema, ousamos apresentar o texto da forma como segue, esperando poder contribuir para o debate e nos enriquecer com o mesmo.

O tema aqui estudado é a experiência do sentido. A questão a que a pesquisa busca responder é: o que é o sentido que o terapeuta procura em seu trabalho, tanto na hora do encontro terapêutico, quanto na reflexão posterior? Ou, por outras palavras: quais as características fenomenológicas da experiência do significado, não de qualquer significado, mas daquele que é sentido como útil para o processo terapêutico. O fenômeno sobre o qual se trabalhou foi a experiência do terapeuta a respeito do sentido de sessões terapêuticas por ele conduzidas.

Assim definida, essa pesquisa foi feita meio que por acaso. Na verdade, em meio a uma outra pesquisa que visava descrever o processo terapêutico através de relatos de sentido de sessão, pudemos verificar que aquelas questões a respeito da fenomenologia do sentido tinham encontrado uma resposta na sequência de um procedimento que equivalia a uma pesquisa empírica qualitativa.

Os sujeitos éramos cinco terapeutas que nos reuníamos para analisar os sentidos de nossas sessões. Todos trabalhamos em terapia de um modo que poderíamos denominar globalmente de humanista.

O método utilizado foi o de formular perguntas que orientassem nosso relato de sentido de sessão. As respostas eram discutidas no grupo e procurávamos então novas perguntas que pudessem orientar melhor a produção do relato de sentido. Obtivemos assim uma sequência de perguntas diferentes que procuravam captar com maior exatidão aquilo que considerávamos ser o sentido útil para o processo. A prática da busca do sentido da sessão criou no grupo de pesquisadores um significado-sentido a respeito daquilo mesmo que buscávamos, e que permitia sabermos quando o sentido tinha sido tocado e quando não. Mas não sabíamos dizer o que era esse significado-sentido. Foi a análise da sequência de perguntas que permitiu a explicitação daquele significado-sentido. Esta explicitação, acreditamos, traz luzes sobre a compreensão da tarefa terapêutica, bem como da análise da prática que se pode fazer como instrumento de aperfeiçoamento do terapeuta.

A importância da questão do sentido para a psicologia já foi estabelecida por Merleau-Ponty (1973) e toda a tradição fenomenológica. AmatuZZi (1989) retoma essa importância falando da psicologia humanista. Numa revisão ainda superficial da literatura, entretanto, não encontramos pesquisas que abordavam a questão da forma como a colocamos aqui e nem com o uso de uma metodologia semelhante. No entanto, acreditamos que esse método se enquadra no modelo geral de pesquisa qualitativa em psicologia fenomenológica. O estudo de Gomes (1985) fornece um quadro útil que nos permite situar as possibilidades e o alcance da pesquisa fenomenológica em psicologia. O modelo básico (descrição fenomenológica ou "depoimento", redução ou categorização, e interpretação ou explicitação da estrutura da experiência como um todo) pode estar presente em propostas metodológicas diferentes quanto à técnica. Acreditamos que ele se aplique nesta pesquisa também, se bem que não exatamente da mesma forma como a proposta por Giorgi (citado por Gomes).

Em outro estudo, Gomes (1988) nos fala do sentido da terapia como um todo, tal como visto pelo cliente. Nós aqui, entretanto, estamos preocupados com as características da própria experiência do sentido-que-faz-sentido, tal como apreendido pelo terapeuta, para cada sessão, durante o processo.

Acreditamos que os estudos de caso se aproximam dessa pesquisa. Eles se apresentam como busca de sentido de uma sessão ou de todo um processo, e de certa forma constituem um dado a partir do qual podemos nos perguntar que tipo de sentido foi aí buscado. Pensamos que nossa pesquisa pode contribuir para levantar essa questão e explicitar o alcance dos estudos de caso.

Relato do processo da pesquisa

Este texto todo foi discutido pelos participantes, elaborado em conjunto. Este sub-título apresenta um relato que aparece às vezes na primeira pessoa do singular por se tratar do depoimento de um deles (M. M. A.), mas já é intercalado de reflexões que explicam as opções assumidas pelo grupo durante o processo.

O contexto deste estudo, como dissemos, foi uma pesquisa maior, ainda em andamento. A questão inicial era o que poderíamos fazer na discussão de nossas sessões para nos aperfeiçoarmos enquanto terapeutas. A intuição inicial dizia que perseguir a ideia de sentido da sessão seria um caminho fecundo. Propusemo-nos então a escrever o que nos parecia ter sido o sentido de cada sessão, e discutir esse relato no grupo com a ajuda de outras informações que poderíamos trazer de memória sobre a sessão. Na empreita de fazer isso, foi se criando em nós um significado-sentido a respeito do que poderia ser esse sentido que era o mais útil em relação ao nosso objetivo.

Já nessa proposta inicial houve um recorte e trabalhamos em função de uma hipótese: existe um sentido para cada sessão, mesmo que dele possamos fazer leituras em níveis diferentes. Fragmentos de sessão podem ter um sentido particular, mas o que buscávamos era um sentido global; algo que respondesse a uma pergunta como esta: em suma, ou em essência, qual foi o sentido desta sessão?

Esta hipótese tem um aspecto empírico: normalmente não há espaço para duas ou mais coisas importantes ou significativas numa mesma sessão; não seria psicologicamente viável. É como se a pessoa precisasse de um tempo entre as sessões para trabalhar o *ganho* dela, só podendo acrescentar algo de significativo na próxima. Poderíamos dizer que alcançando este *ganho*, tudo o mais que nela viesse a ocorrer seria como que irrelevante terapeuticamente, e a sessão a rigor poderia terminar antes.

Embora esse aspecto empírico tivesse nos ocupado em algumas discussões, ele foi deixado de lado, e eu particularmente me prendi mais no aspecto epistemológico da hipótese que me parecia mais profundo: o sentido único e a visão global que temos da direção da sessão, e não uma coisa particular importante que nela tivesse ocorrido. É claro que essa visão global pode se expressar através de algo particular ocorrido. Mas então esse algo é tomado como significativo de uma coisa mais ampla e que representa o sentido global da sessão.

Em suma, não nos perguntávamos que coisa particular, dentre as muitas ocorridas, tinha sido a mais importante (fazendo um recorte quantitativo); mas sim, qual o

sentido global dessa sessão e que, de alguma forma, polarizou todo o esforço dela em seus vários momentos (uma percepção quantitativa). Mas isso significava que, mesmo sendo global, esse sentido não era abstrato ou genérico. Tratava-se de captar o que a pessoa quis dizer com tudo aquilo, mais do que o que ela literalmente disse. O relato de sentido não era um simples relato da sessão como os que fazemos de memória ou com auxílio de um gravador. É algo de outra ordem, e mais essencial do ponto de vista fenomenológico.

Não gravamos nossas discussões no grupo de terapeutas-sujeitos dessa pesquisa. Mas além das perguntas que sucessivamente orientaram nossos relatos de sentido de sessão, já temos registradas várias sequências desses relatos de sentido. A pesquisa aqui relatada tomou como "depoimento" aquelas perguntas, e tratou de explicitar a partir delas as características fenomenológicas da experiência de sentido que interessa no processo terapêutico. Quanto aos relatos de sentido obtidos a partir dessas perguntas, é justamente sobre eles que estamos atualmente trabalhando, e esperamos poder em breve apresentar os resultados.

O exercício de relatar o que nos parecia ter sido o sentido da sessão, foi mostrando alguma coisa. Primeiro, que era difícil fazer isso, e nem sempre tínhamos a sensação de tê-lo conseguido. Além disso, comparando as respostas que dávamos à questão do sentido, não parecia que estávamos todos entendendo a questão da mesma forma, ou mesmo que isso podia variar de um relato para outro do mesmo terapeuta! E a questão teórica inevitável: afinal, o que era mesmo isso que estávamos procurando?

Metodologicamente isso poderia ser resolvido se procurássemos a pergunta precisa a que cada relato tentava responder. Isso que escrevi responde a quê, exatamente? E se eu quisesse responder a tal outra pergunta, como seria então? Creio que foi um raciocínio como este que me fez procurar uma pergunta mais precisa e bem formulada a que todos nós responderíamos. E poderíamos, então, ter relatos comparáveis do ponto de vista do sentido tal como estaria operacionalmente descrito na pergunta. Assim foi que, vendo o que acontecia no grupo, fui propondo perguntas diferentes.

Logo apareceu um primeiro desdobramento da pergunta inicial. Ainda que pudessemos falar de um sentido em si, a cada vez que fôssemos escrever, estaríamos, na verdade, dando uma **versão de sentido**, e especificamente a versão do terapeuta naquele momento. Diria o cliente a mesma coisa? E o próprio terapeuta, não poderia ele se expressar de outra forma sobre a mesma sessão alguns dias depois, após, por exemplo, ter discutido no grupo seu primeiro relato, ou após uma supervisão?

Teríamos então pelo menos três versões de sentido: a do terapeuta, escrita imediatamente após a sessão, a do cliente, escrita entre uma sessão e outra, e a segunda do terapeuta, escrita alguns dias depois, após alguma reflexão ou com mais recuo. Para marcar que o acesso ao sentido é na verdade uma versão de sentido, propus que acrescentássemos à pergunta geral ("qual foi o sentido da sessão?") um "para mim", ficando então: "qual foi para mim o sentido da sessão?". Uma pergunta como essa poderia ser respondida tanto pelo terapeuta como pelo cliente, e em momentos diferentes.

Ocorre que esse "para mim" foi também entendido de formas diferentes, o que me levou a propor novos desdobramentos. Ouvindo alguns relatos de sentido, o "para

mim" parecia estar sendo entendido como "tal como eu o percebi", e a pergunta completa seria: "qual o sentido que essa sessão fez para o cliente, tal como eu o percebi?".

Mas, à medida em que íamos praticando essa pergunta, o "para mim" foi revelando um significado cada vez mais pessoal, e que também parecia compor o que poderíamos denominar de sentido da sessão. O que o encontro terapêutico tinha significado para mim como pessoa (não para o cliente), me abria para um contato muito maior com o cliente enquanto ele mesmo. Quero descrever isso melhor.

Nessa época, quando estava com o cliente, procurava ouvi-lo como tendo algo a me dizer, algo que de alguma forma me dizia respeito ou era de meu interesse pessoal. Não estou falando de nada místico ou sobrenatural, mas simplesmente da experiência dialógica de contato com a tendência atualizante, que é a forma que toma em cada ser humano, em cada momento, a tendência formativa atuante no universo inteiro. Ora, ver a tendência de vida tal como ela se manifesta neste cliente nesta sessão, é algo que necessariamente me toca, me interpela, me diz respeito também. Mais: é só quando "me toca" que a vejo realmente, faço contato. Em outras palavras, quando o contato com esse cliente me enriquece como pessoa, esse contato é muito mais profundo e também benéfico para ele. Não que eu como terapeuta deva estar falando disso com o cliente, mas que meu interesse e envolvimento permitam um contato com coisas mais profundas dele; com algo que é mais central nele. Cheguei a formular isso também nos termos seguintes: O contato com o cliente faz nascer em mim a necessidade de uma resposta; mas é uma resposta que tenho que dar em minha vida pessoal, muitas vezes fora do consultório, e não necessariamente para ele. Para ele o que existe é uma parte dessa resposta: a vontade de ouvir, o interesse em ouvir com cada vez maior precisão e profundidade o que ele tem a dizer. Constatei que quando isso ocorre, a fecundidade terapêutica do encontro é muito grande, e a minha condição de objetividade é também maior, isto é, o cliente se sente mais bem compreendido naquilo que realmente se passa com ele, podendo explicitá-lo ou dizê-lo melhor. Posso dizer que quando isso ocorre a sessão faz muito sentido tanto para mim como para o cliente.

Outra coisa que constatei nessa época foi que após a sessão, quando me punha a escrever livremente sobre os temas que me tocaram como pessoa a partir da sessão (e como me posicionava frente a eles), o resultado era que depois disso podia entender muito melhor e mais objetivamente ao cliente no que ele tinha de próprio, ou seja, podia escrever uma segunda versão de sentido mais empática que a primeira. A pessoa do cliente passava a fazer mais sentido para mim. Em outras palavras: quando trabalhava em mim os temas suscitados pelo cliente, ficava mais apto a compreendê-lo nele mesmo.

No entanto, ao mesmo tempo que esse sentido subjetivo parecia compor o sentido geral da sessão, ficava claro também que só ele não bastava. Fui levado, então, a propor outras perguntas cujas respostas viriam a complementar o relato de sentido. Além de escrever o que me havia tocado pessoalmente naquela sessão, era preciso que eu dissesse também algo mais diretamente relacionado com o que o cliente quis dizer, e algo sobre como tinha me sentido durante o atendimento. Parecia-me que somente respondendo a essas três questões estaria captando um sentido.

Ademais, cada uma dessas três questões foi formulada de diversas maneiras de modo a ficar mais claro o que ela pretendia captar. E nisso também a reação do grupo foi importante pois uma determinada formulação da pergunta satisfazia mais a um participante do grupo num determinado momento, enquanto outra formulação da mesma pergunta era preferida por outro participante, ou pelo mesmo em outra sessão. Era como se as várias formulações fossem vários modos de se referir a um mesmo tema. Cada uma delas apontava para o mesmo tema, uma ajudava a explicitar o sentido da outra, mas nenhuma era infalível ou esgotava o tema.

Chegamos assim, a três conjuntos de perguntas que visavam captar três temas. O 1º era:

- que sentido teve para mim essa sessão?
- ou: - o que aprendi com essa pessoa hoje?
- ou: - em que ela me tocou pessoalmente hoje?
- ou: - que questionamentos pessoais me provocou?
- ou: - o que pessoalmente valorizei nela?

Como disse, algumas vezes uma formulação era sentida como melhor que outra, mas todas apontavam para uma mesma coisa que queríamos captar, e que de alguma forma fazia parte do sentido da sessão.

O 2º conjunto era:

- o que, em suma, o cliente veio dizer hoje?
- ou: - o que ele quis dizer? (não apenas o que disse);
- ou: - qual a experiência intencional, ou a intenção significativa que ele pretendia atualizar na sessão?
- ou: - qual o "silêncio" que ele procurava romper com suas falas?

O tema para o qual apontavam essas perguntas é o "sentido sentido" trazido e atualizado pelo cliente.

O 3º conjunto era:

- o que senti durante o atendimento?
- ou: - como me senti?
- ou: - o que pressenti e só agora está mais claro?

Também aqui as perguntas pretendiam de vários modos captar uma mesma coisa.

A esses três conjuntos de questões acrescentamos um 4º:

- o que trocamos nesse encontro (cliente e terapeuta)?
- ou: - o que de fato estivemos trocando para além das intenções explícitas?

Em determinado momento de minha reflexão o sentido de que esses três conjuntos (mais o 4º) eram completos, não faltando nada, se confirmou por uma consideração teórica que permitiu explicitar o tema de cada conjunto. O 1º conjunto na realidade visava fazer o terapeuta descrever o estado de sua consideração positiva incondicional naquela sessão. De fato, a aceitação da pessoa, descrita por Rogers, a essa luz, não parece nem genericamente vaga, mas é uma forma de valorização muito concreta no aqui-agora da sessão. O 2º conjunto provocava uma descrição de meu estado de empatia naquela sessão. O 3º, a descrição de meu estado de congruência; e o 4º, a descrição de como essas atitudes ocorreram na comunicação que de fato existiu. Ora, essas quatro condições formam em Rogers um conjunto completo (Rogers & Kinget, 1975). E o interessante foi que o esforço de descrevê-las para

cada sessão me dava de alguma forma o sentido da sessão. O sentido se fazia presente, no relato, embora não pudéssemos dizer exatamente onde.

Apesar de tudo, entretanto, permaneciam algumas insatisfações. Nenhuma pergunta era infalível na captação do sentido. Às vezes o sentido se fazia presente, outras vezes, não. E então não sabíamos bem como interpretar o valor da sessão. Outras vezes o que era útil ao terapeuta escrever para que se aproximasse de um sentido que não via claramente, não passava por nenhum formulário de perguntas, e, ademais, variava de sessão para sessão. - Por outro lado, o próprio exercício da pesquisa já tinha criado em nós o sentimento de um critério vivencial que nos permitia saber quando um relato "fazia sentido", captava algo com unidade e significado, e quando não. No caso de não, era porque as respostas, embora eventualmente corretas, eram como que mecânicas; ou porque realmente tinham deixado algo em aberto para o terapeuta, e a própria sessão tinha terminado como um problema, sem que ele pudesse avaliá-la. Em cada um desses casos a união exercida pela tarefa de fazer o relato de sentido, não era a mesma. Numa sessão "redonda" por assim dizer, completa, onde coisas tinham se fechado, escrever tinha um significado; outro era o significado de escrever quando a sessão se constituía em si mesma como um problema, como algo inacabado, sem que se pudesse definir um sentido claro. Neste caso, escrever não visava apenas comunicar algo, mas se constituía como uma necessidade para se chegar a uma compreensão do que tinha acontecido, o que equivale a dizer, para se chegar a um sentido. E poderíamos imaginar ainda casos intermediários.

O sentimento de falta de sentido, ou de estar distante do sentido vivido numa sessão, a meu ver, hoje, pode ocorrer por duas razões diferentes. Uma, é porque a sessão foi mesmo difícil, e podemos não ter tido um bom desempenho terapêutico: não chegamos a entender bem o que aconteceu, não estávamos livres, etc. Mas também pode haver uma outra razão. A sessão dificilmente poderia ter sido melhor, mas só poderemos entender seu sentido mais tarde, evocando uma porção maior do processo, analisando todo um conjunto de sessões. Isso aponta para uma atitude de desprendimento ou desapego da necessidade de ver ou ter controle em todas as sessões, que parece essencial ao terapeuta mesmo em sessões aparentemente mais tranquilas. E essa atitude necessária não pode ser confundida com irresponsabilidade ou mesmo com incompetência. É outra coisa.

Tudo isso faz pensar que o que faz sentido escrever após cada sessão não é sempre a mesma coisa, não responde sempre à mesma pergunta. E essa liberdade é fundamental para que se possa captar o sentido como algo dinâmico ou trabalhar em sua construção. O que posso fazer para me aproximar do sentido de uma sessão terapêutica (já não digo simplesmente captar) é escrever algo que faça sentido escrever, no momento e no ato mesmo de escrever.

O sentido não é algo que eu possa dizer e esgotar, mas é algo de que posso me aproximar, sentindo, participando. Todo meu dizer é apenas um modo de me aproximar (e isso é a fala autêntica: que presentifica um sentido). Mas isso significa que a aproximação do sentido, o contato ou a apropriação dele, se faz a partir de meu momento presente, e, de certa forma, me envolve também. Escrever com sentido sobre o sentido da sessão significa partir de meu momento presente no ato de escrever.

Olhando para o caminho percorrido, posso dizer que no lugar de uma pergunta "que sentido teve essa sessão?", temos agora a pista de "escrever o que faz sentido

escrever nesse momento" (a respeito ou a partir daquela sessão). Isso significa que para que o sentido faça sentido, ele precisa ser trazido para o presente. Em vez de "o que fez sentido" (ou "que sentido teve"), temos "o que faz sentido". O sentido vivo é o sentido presente, é o agora de um movimento.

Algumas comparações interessantes surgiram em nossas discussões. O sentido é como o vento: se o colocarmos em uma garrafa, o que lá estiver será mais vento. Ou então: nós o sentimos em nosso corpo ou vemos seus efeitos nas folhas que balançam, mas não o podemos enxergar em si mesmo. O sentido é como a onda do mar, também: a onda já não está mais naquela porção de água por onde passou. E ainda: é como o movimento: se fotografarmos o movimento, o que fotografamos já não será movimento, porque está parado.

Para fins de pesquisa estamos no momento com essa pista: escrever o que faz sentido escrever. Sabemos que isso não nos dará um retrato da sessão, mas de certa forma é mais fiel, porque aquela sessão não existe mais. O que existe é o que dela ficou. Vamos ver o que poderemos enxergar quando analisarmos um conjunto grande de relatos desse tipo.

Permanece, entretanto, um sentimento. Essa última pergunta ("o que faz sentido escrever?"), não teria o mesmo peso se tivesse sido a primeira que fizemos. Ocorrendo após termos praticado todas as outras, de alguma forma ela as inclui. Não as substitui, mas as completa.

Considerações metodológicas

Como vimos, a pesquisa sobre as características descritivas da experiência do sentido-que-faz-sentido, se insere no bojo de uma outra pesquisa em andamento, sobre a relação terapêutica. O contexto mais amplo da pesquisa maior, entretanto, não é acidental em relação aos achados a respeito da experiência do sentido e suas implicações.

A proposta metodológica mais ampla é de que um grupo de terapeutas analise junto sessões conduzidas por eles, e que essa análise seja feita durante o processo de atendimento, visando um aperfeiçoamento profissional de cada um no próprio processo. A pesquisa tem, portanto, uma finalidade prática. Sob este aspecto uma metodologia que se aproxima da pesquisa-ação (cf. Thiollent, 1986). Visa estabelecer modificações na forma de agir (ou pelo menos na forma de conceber a ação), em decorrência de algum tipo de discussão ou procedimento avaliativo da própria ação, durante o processo de sua ocorrência. Isso significa acompanhar a atuação terapêutica ao longo do processo, com um procedimento reflexivo que venha a implementar a compreensão do próprio processo. Por este lado, tal metodologia se aproxima da pesquisa participante (cf. Brandão, 1983, 1985): os sujeitos da pesquisa são os próprios pesquisadores. Acrescentamos, ainda, que o fato de termos realizado a pesquisa em grupo, não lhe é acidental do ponto de vista metodológico. O grupo serve de controle da objetividade.

O resultado da pesquisa mais ampla é a própria atuação terapêutica de cada um dos pesquisadores. Mas ela pode ter resultados também em outros níveis, propriamente cognitivos. Poderemos nos perguntar, por exemplo, a que compreensão do processo terapêutico em geral a pesquisa nos conduz, ou, que aspectos desse pro-

cesso podem ficar mais evidentes. É na linha de um resultado cognitivo como este que o relato presente procura descrever o que se obteve em termos da compreensão do que vem a ser a experiência do sentido.

O tema, então, dessa sub-pesquisa, implícita na pesquisa maior, é a experiência do sentido. Esse tema foi visto concretamente na sessão terapêutica. A variação nos procedimentos de busca do sentido de cada sessão nos permitiu irmos explicitando o que estávamos entendendo por sentido, ou qual o sentido-que-mais-fazia-sentido no momento mesmo de sua apreensão.

Nossa hipótese inicial para o procedimento na pesquisa mais ampla era a de que a explicitação do sentido da sessão podia ser um procedimento que atendia aos nossos objetivos. Essa hipótese significava que o esforço na explicitação do sentido da sessão era o mesmo esforço que fazíamos como terapeutas quando estávamos com o cliente: tornar presente alguma coisa, um significado vivido. Quando isso é feito, nossa fala, bem como a do cliente, tende a ser uma fala original ou autêntica. Que passos foram dados aqui?

- 1) A terapia pode ser entendida como um processo de resgate da fala autêntica (cf. AmatuZZi, 1989).
- 2) A busca da fala autêntica equivale ao esforço de presentificação de um sentido.
- 3) Esse esforço ocorre na sessão terapêutica, e pode ocorrer também depois, na reflexão que fazemos sobre a sessão.
- 4) Em ambos os momentos o esforço é o mesmo: a apreensão e presentificação de um sentido. E o sentido também é o mesmo, embora a situação seja outra.
- 5) A explicitação sucessiva dos sentidos das sessões, cada vez como algo vivido e presente, habilita o terapeuta em sua tarefa em próximas sessões.

A pergunta que subjaz a essa sequência é: de que sentido estamos falando? Qual a experiência de sentido que pode justificar essa sequência? É a essa pergunta que procuramos responder fenomenologicamente aqui. Vejamos como.

O que escrevamos, registrando o sentido da sessão, tinha o caráter de resposta a uma pergunta. Mas não sabíamos inicialmente qual a pergunta exata a que os relatos respondiam. Variamos então as perguntas. Contudo, pouco a pouco e ao mesmo tempo que variávamos a pergunta, foi se formando dentro de nós como grupo algo como um "sentido do sentido" que permitia verificarmos se a pergunta que praticávamos era boa ou não. Essa variação permitiu explicitarmos aspectos possíveis de um vivido pré-verbal, o sentido do sentido, que foi se tornando presente de formas cada vez mais claras.

Poderíamos objetar: tal procedimento não nos levou a nada de novo, mas apenas confirmou o que já estava presente. Só poderíamos ter concluído isso, uma vez que era isso que estava posto desde o começo. É verdade. Mas o que a pesquisa trouxe foi a **explicitação** do que estava **implícito**. E isso é importante para sabermos com que estamos lidando, e nos dá critérios que permitem orientarmo-nos em outras práticas e pesquisas. Este é um objetivo de pesquisas fenomenológicas.

Outra objeção: quando mudávamos a pergunta estávamos mudando o próprio conceito de sentido usado na pergunta, e portanto nada poderíamos concluir daí. De fato, quando passamos de "que sentido teve esta sessão?" para "que sentido teve

para mim?" não estaríamos acrescentando algo ao conceito anterior, mas sim mudando o conceito. Na primeira pergunta, trata-se mais de um sentido objetivo, enquanto na segunda, de um sentido subjetivo. O que podemos dizer aqui é que, de fato, o conceito pode ter mudado, mas não o critério vivido que estava se tornando cada vez mais presente. Poderíamos dizer que as duas simbolizações, embora diferentes, expressavam algo do vivido. A mudança no conceito usado, portanto, não é objeção para o rigor do procedimento, uma vez que o que se buscava era o vivido, potencialmente simbolizável de muitas formas. Com tal procedimento não se está construindo a diferenciação de um conceito, acrescentando diferenças específicas a gêneros abrangentes, por exemplo, mas sim explicitando aspectos da experiência vivida, o que é outro caso. A objeção, portanto, não procede.

Mas afinal porque toda essa discussão? Os terapeutas (e também os educadores) se ressentem da falta de um método de pesquisa que possa se inserir no próprio processo terapêutico, instrumentalizando o por dentro, e não apenas que o estude como a um objeto já passado. Acreditamos que seja da associação da pesquisa fenomenológica com a pesquisa-ação e participante que poderia surgir uma tal proposta. As concepções metodológicas e teorizações em torno da pesquisa-ação e pesquisa-participante estão longe de serem acabadas. Em geral essas metodologias se aplicam mais à pesquisa social, e seu uso para a psicologia é ainda mais discutido. Entretanto elas tentam elaborar um método para uma pesquisa que visa a atuação concreta qualificada, por parte de pessoas já envolvidas de alguma forma no processo. É justamente nesse ponto que pensamos possam inspirar uma elaboração metodológica análoga para o campo da pesquisa em psicoterapia. Daí a importância de se pôr à prova o método aqui utilizado. Essa discussão, na verdade, não visa apenas dar apoio às conclusões desta pesquisa mas também examinar a fundamentação de uma proposta que tem um alcance maior.

Contudo, mesmo as conclusões desta pesquisa particular se relacionam com as inquietações dos terapeutas no que diz respeito à busca de uma forma de avaliar o processo, que permaneça dentro dele. Vejamo-las então.

CONCLUSÕES

Retomemos, então, as perguntas que serviram de guia para nossos relatos de sentido de sessão, na sequência de suas variações. Foram elas:

- 1ª) Que sentido teve esta sessão?
- 2ª) Que sentido teve para mim esta sessão?
- 3ª) a) Que sentido teve para mim? (e outras versões da mesma pergunta)
b) O que o cliente quis dizer nesta sessão? (e outras versões desta mesma pergunta)
c) O que senti durante o atendimento? (e outras versões)
d) O que estivemos de fato trocando nesta sessão? (e outras versões).
- 4ª) Escrever o que faz sentido escrever.

As variações que pudemos notar nesta sequência, no que diz respeito à explicitação da experiência do sentido que interessava, foram as seguintes:

- 1) Existe um aspecto subjetivo que também faz parte da experiência do sentido que interessa. Isto corresponde à passagem da primeira pergunta para a segunda.

2) A descrição intencional do estado de minha consideração positiva incondicional, de minha empatia, e de minha congruência como terapeuta, e a descrição do tipo de comunicação de fato ocorrida durante a sessão (o que de fato trocamos?), levam também a uma explicitação do sentido da sessão. Isto corresponde à passagem da segunda pergunta para a terceira (com suas variantes).

3) O sentido-que-faz-sentido só pode ser captado no presente, e portanto a partir de uma relação atualmente vivida. O ato de expressão desse sentido, ele também deve fazer sentido. Isto quer dizer que a fala que capta ou expressa o sentido há que ser original ou autêntica. E isto corresponde à passagem da terceira pergunta (ou conjunto de perguntas) para a quarta.

As implicações teóricas para uma fenomenologia do sentido podem ser expostas através de antinomias a serem superadas. Elas aparecem aqui como categorias que permitem explicitar a estrutura da experiência do sentido.

1. **Sentido objetivo x sentido subjetivo.** O sentido objetivo de uma sessão terapêutica seria seu significado no conjunto do processo, no que diz respeito às mudanças no cliente (uma vez que este processo existe em função do cliente), e independentemente desse significado ser ou não apreendido pelo terapeuta ou pelo cliente a nível de explicitação verbal. O sentido subjetivo seria o significado dessa sessão para a terapeuta como pessoa (ou para o cliente) tal como percebido por ele. Pois bem, o sentido que buscávamos podia estar contido nas respostas aos dois tipos de pergunta, tanto à pergunta pelo sentido objetivo quanto àquela pelo sentido subjetivo. Mas não era exatamente nem uma coisa nem outra, e nem a soma das duas. O sentido que buscávamos (e que era o que interessava na formação do terapeuta) estava além da dicotomia sujeito-objeto.

2. **Sentido que se capta x sentido que se produz.** Algumas vezes parecia que o sentido já existia e nosso esforço consistia em apenas captá-lo ou expressá-lo, ou, quem sabe, somente em denominá-lo. Outras vezes a experiência era bem diferente. Era preciso "dar" um sentido à sessão. Ela era percebida como não tendo tido um sentido vivido no momento mesmo. É a diferença experiencialmente clara entre a sessão "redonda" ou que se fechou, e a sessão inacabada quanto ao sentido. Contudo, mais uma vez, o sentido que buscávamos podia estar em ambas as experiências, mas não se identificava com nenhuma delas. Na verdade, o que buscávamos era ao mesmo tempo captado e produzido. Só o percebo quando o produzo. É sua produção que me põe em contato com algo prévio, e que só agora se manifesta mais claramente.

3. **Escrever o sentido x escrever com sentido.** Os dois pólos desta antinomia podem ser vistos em experiências diferentes. Falo ou expresso o que já existe, como que procurando retratar um objeto. Ou então a outra experiência diferente dessa: o importante é que meu ato de expressão faça sentido. Aqui o sentido não está no objeto mas no próprio ato de produzi-lo. Pois bem, mais uma vez, essas duas experiências separáveis também manifestam dimensões do que estávamos buscando, mas aquilo mesmo em sua completude não se esgotava no objeto nem no puro ato. O sentido que buscávamos só podia ser expresso quando o próprio ato de expressá-lo fizesse sentido, fosse novo. É no presente que capto o passado. É criando que entro em contato com o que já existia, e isso porque o que já existia é algo em movimento. O objeto e o ato são indissociáveis na experiência do sentido que nos interessava.

Uma coisa só tem sentido quando faz sentido. É isso que significa dizer que o sentido é sempre presente. Por isso sua captação me envolve, agora.

Uma última questão. O sentido que buscávamos era único para cada sessão, ou múltiplo? A vivência da pesquisa aponta para o seguinte. As vias de acesso ao sentido são múltiplas, isto é, há várias expressões possíveis do sentido. Mas como o sentido presente se constitui também nas vias de acesso (só tem sentido o que faz sentido), ele é uno e múltiplo. Em outras palavras, posso captar o sentido (único) em vários níveis (múltiplo) uma vez que ele só se encontra no ato pelo qual o expresse. Em cada ato ele é único, mas os atos podem ser muitos, sucessivos e em situações diferentes: sob esse aspecto ele é múltiplo. Existem vários sentidos para uma sessão, mas todos eles apontam, a partir de relações diferentes, para um único vivido.

Se quiséssemos encontrar uma categoria abrangente, parece que ela deve estar na linha da última pergunta ("Escrever o que faz sentido escrever"), mas como inclusiva das demais. O sentido-que-faz-sentido tanto na relação terapêutica como na reflexão posterior, é sempre presente, expresso dentro de uma relação atualmente vivida, e que, portanto, envolve quem o diz.

REFERÊNCIAS

- AmatuZZi, M. M. (1989). *O Resgate da Fala Autêntica, filosofia da psicoterapia e da educação*. Campinas (SP): Papyrus.
- AmatuZZi, M. M. (1989b). O significado da psicologia humanista, posicionamentos filosóficos implícitos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 41(4), 88-95.
- Brandão, C. R. (1983). *Pesquisa Participante*. (3- ed.), São Paulo: Brasiliense.
- Brandão, C. R. (1985). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense.
- Gomes, W. B. (1985). O eidético e o empírico na Psicologia. *Estudos de Psicologia* (Revista do Instituto de Psicologia da PUCCAMP), 2(2 e 3), 135-148.
- Gomes, W. B. (1988). A experiência retrospectiva de estarem psicoterapia: um estudo empírico fenomenológico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 4(3), 187-206.
- Merleau-Ponty, M. (1973). *Ciências do Homem e Fenomenologia*. São Paulo: Saraiva.
- Merleau-Ponty, M. (1990). *O Primado da Percepção e suas consequências filosóficas*. Campinas (SP): Papyrus.
- Reason, R. & Rowan, J. (1987). *Human Inquiry - a sourcebook of new paradigm research*. New York: John Wiley & Sons.
- Rogers, C. & Kinget, M. (1975). *Psicoterapia e Relações Humanas*. Belo Horizonte (MG): Interlivros.
- Thiollent, M. (1986). *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez Editores Associados.

Recebido em 20/10/90.